



TEMPORÁRIO



Projeto
1ª CENA

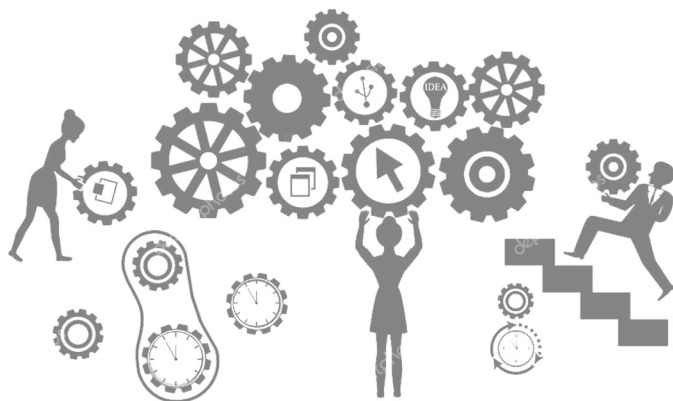
DRAMATURGIAS



GRANDIR
Produções

PROJETO 1ª CENA - DRAMATURGIAS
USINA DOS ATOS

TEMPORÁRIO



Grandir Produções
São Paulo - SP
1a Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Temporário : Projeto Primeira Cena / [organização
Usina dos Atos ; coordenação Caio César
Teixeira]. -- 1. ed. -- São Paulo : Grandir
Produções, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-84765-17-7

1. Artes cênicas 2. Dramaturgia 3. Espetáculo
4. Teatro brasileiro I. Atos, Usina dos.
II. Teixeira, Caio César.

23-154099

CDD-791

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes cênicas : Artes da representação 791

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

FICHA TÉCNICA PROJETO 1ª CENA
TURMA 2016/2017 - ZONA LESTE

Coordenador de Projetos:	<i>Caio César Teixeira</i>
Educadora de Teatro e Dramaturgia:	<i>Jennifer Souza Patricia Neves</i>
Educadora de Comunicação e Repertório:	<i>Amanda Turano</i>
Educadoras de Cidadania e Política:	<i>Karen Nunes Melissa Rocha</i>
Educadoras de Referência e Repertório:	<i>Mabel Coelho</i>
Monitores e Articuladores:	<i>Carolina Valverde Dan Claudino Davi Claudino Gabriella Rodrigues Gustavo Brito</i>



Editora: Grandir



SUMÁRIO

Dedicatória: -----	06
Agradecimentos: -----	13
Apresentação: -----	14
Autores: -----	18

Temporário - Dramaturgia

Cena 1 - Divisão do Trabalho: -----	21
Cena 2 - Performance operários: -----	31
Cena 3 - Performance funcionários identificados: -----	34
Cena 4 - Entrevista de emprego: -----	38
Cena 5 - Mulher trabalhando: -----	46
Cena 6 - Leilão: -----	53
Cena 7 - Emprego novo: -----	60
Cena 8 - Metrô: -----	67
O processo: -----	85
Biografias: -----	92

DEDICATÓRIA



GUILHERME SANTOS

Dedico esse livro a minha mãe, que contou as melhores histórias da minha vida, esteve presente em tantas apresentações minhas e se orgulharia de ver essa obra.

Com eterna gratidão
Para Maria Lucinda dos Santos”

PATRICIA NEVES

Aos educandos que me ensinaram tanto e que lutaram para permanecer e lutam diariamente, muitas vezes sem nem se darem conta da própria luta; ao Caio Cesar Teixeira, que sonha e acredita nos seus sonhos; a toda a equipe de educadores, com os quais aprendi e com quem tive trocas tão ricas e potentes; às artes, que abrem espaços de descoberta dentro e fora de mim a cada dia e me possibilitam elaborar e reelaborar experiências; a todas(os) mestras(os) que acenderam ou me instigaram a manter a fagulha acesa.

TATIANE MARQUES

Nas encruzilhadas da vida, tive o prazer de cruzar com muitas pessoas maravilhosas e com isso ter muitos aprendizados. Cada um deixou alguma marca importante nos meus caminhos, mas hoje faço essa dedicatória a todos os orientadores do programa vocacional e, em especial, a uma pessoa que me fez acreditar que, em um mundo onde a mulher preta é silenciada e invisibilizada, que nós podemos estar em cima do palco e sermos vistas e ouvidas. Dedico, então, este texto, com muito carinho, a Walter Portella, um excelentíssimo ator, diretor e dramaturgo, que me ensinou a sonhar e a acreditar que o palco é para todos.

(Como ele me disse uma vez e nunca me esqueci: “Todos somos capazes, só precisamos acreditar”).

ÂNGELA IZÍDIO

Dedico e agradeço primeiramente a mim, por ter ido atrás de um desejo meu desde a infância (fazer parte de uma peça teatral). Aos meus avós maternos, por serem os melhores do mundo e sempre me apoiarem em tudo. A minha mãe, irmãs e a minha tia Nilza, por ter me dado todo suporte possível e impossível. Por fim, e não menos importante, agradeço a toda equipe do coletivo Usina dos atos, em especial a Patrícia,, uma fofa. E a todos que foram até o final do projeto, entregando e vivendo experiências únicas.

ARIEL ANDRADE

Minha dedicação por esta obra é para nossos educadores e colaboradores, a quem por meio de muita escuta ativa e troca nos permitiram aprender e ampliar olhares a um fim produtivo e coletivo.

MAICOLN RIBEIRO

Aos meus queridos pais que estiveram comigo nesse tempo de construção de

espetáculo:

Vivaldo Ribeiro dos Santos e Domingas Bispo Ribeiro.

À minha única irmã, que sempre foi minha companheira durante esse tempo:

Sara Bispo Ribeiro dos Santos.

Ao meu padrinho que, de forma indireta, sempre esteve comigo durante esse tempo:

Aurelino Costa Bispo.

Ao meu tio, que me ensinou e me inspirou seguir o mundo da arte: Osvaldo Ribeiro dos Santos.

THIAGO SOÁ

Dedico a todes, todas e todos os meus ancestrais, que vieram antes de mim e me permitiram estar aqui hoje. Também dedico a minha filha Lika Niara que sempre me ensina um pouco mais sobre o amor.

LUKÃO

Dedico este trabalho a todas as pessoas que incentivaram e deram alguma contribuição, direta ou indiretamente, para que este

trabalho pudesse ser concluído.

A todos os orientadores e educadores do Usina dos atos por todas as contribuições que nos deram ao longo do processo, seja de conteúdo e referências, seja de conselhos pessoais e didáticos, até mesmo por todo acolhimento e paciência que tiveram conosco diante de todas as incertezas, inseguranças e perdas ao longo de todo o percurso. Certamente todo trabalho apresentado foi só a cobertura de uma casa, que tinha como pilar toda a estrutura de pessoas envolvidas no projeto primeira cena, dispostas a fazer de tudo para que aquilo desse certo.

Quero também dedicar aos meus companheiros de cena por todas as trocas, dedicação e pela paciência.

TONY ALOIZIO

Dedico este trabalho a Deus. Sem ele nada seria possível.

Dedico também aos meus pais e a minha avó pela contribuição na formação do meu caráter.

Aos professores e educadores do Usina dos atos, pelas valiosas e incontáveis horas dedicadas ao projeto, pois sem vocês nada disso teria acontecido.

Aos meus amigos de cena e projeto, grandes companheiros de jornada.

E a todos que contribuíram de alguma forma e me ajudaram a chegar onde eu estou hoje.

GABRIEL SELLIN

Este trabalho é dedicado a Deus e à minha família, pessoas que foram essenciais para que eu conseguisse concluir com êxito.

A toda minha família e amigos que sempre me fizeram acreditar que era possível concluir este meu objetivo, o maior dos agradecimentos.

A vida é bem parecida com uma música. No começo há mistério e no final confirmação, mas é no meio que reside a emoção e faz com que a coisa toda valha a pena. Então agradeço a minha família e a família Usina dos atos que acreditaram no nosso esforço. Muito obrigado.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.”

Paulo Freire



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda equipe do Projeto 1^a CENA, que contribuiu efetivamente para nossa criação artística: Amanda Turano, Caio César Teixeira, Karen Nunes, Mabel Coelho, Mel Rocha, Jennifer Souza, Gustavo Brito, Gabriela Rodrigues, Carolina Valverde, Dan Claudino e Davi Claudino.

A toda a equipe do CEU Inácio Monteiro, que cedeu o espaço e nos atendeu sempre com todo carinho e paciência, da Gestão de Cultura, passando pela Educação, Esporte, Administração, os técnicos de iluminação e Som, o pessoal da limpeza e segurança.

À Luiz Ferreirinha e toda a equipe do deputado Carlos Giannazi, que acolheu o espetáculo Temporário na Alesp, além de dar todo apoio para que o projeto 1^a CENA pudesse encontrar um novo espaço de realização no núcleo da Zona Sul.

APRESENTAÇÃO



O que vem à cabeça quando ouvimos a palavra Temporário? Quais associações estão presentes em nosso imaginário? Quais experiências nos remetem? Apesar de, em geral, remetermos a uma experiência de trabalho, ousar dizer que as respostas a essas perguntas passam inevitavelmente pelos recortes de classe, raça, gênero, territorialidade, faixa etária. Para algumas pessoas (poucas, pouquíssimas) a palavra ‘Temporário’ pode remeter a uma experiência de intercâmbio feita muitas vezes para aprimoramento de um idioma, algum trabalho de cunho voluntário no interior do Brasil ou no exterior ou um trabalho sazonal para tirar um “dinheiro extra”. Para a maioria esmagadora da população brasileira, a associação mais comum é a de esperança. Explico: são aqueles postos de trabalho que assinalam a possibilidade de inserção no mercado para quem está no limbo e na ansiedade de não ter experiência profissional ou são as vias de recolocação para quem está no desespero do desemprego.

Associamos também (mas isso falamos baixo, cá entre nós, os pares na adversidade) às situações precárias, vexatórias, tarefas pouco ou nada valorizadas, ao trabalho pesado, desvalorizado, entre outros males que “devemos” suportar, afinal, é como dito acima, também a esperança de dias melhores profissionalmente e financeiramente (será?). Coloca-se aqui o dilema político, social, cultural e psíquico dessa palavra: TEMPORÁRIO. Aquelas/aqueles que passarão... Quem são os temporários que você conhece ou já conheceu? Aliás, você consegue lembrar dos rostos e dos nomes destas/destes trabalhadoras/es com quem conviveu por algumas semanas ou meses? Você já foi um? Conhece quem foi? Essas provocações estiveram presentes na performance *Temporário*. Estão presentes no texto a seguir e ainda reverberam em quem fez parte dessa construção. Tive a honra e a alegria de acompanhar e orientar a turma de educandes (tento escrever numa perspectiva não binária ainda que com a dificuldade de um idioma extremamente binário) que construiu o espetáculo como seu trabalho de conclusão

de curso no Projeto 1ª CENA, do Coletivo Usina dos Atos. Decidimos pela linguagem da performance para comunicar em camadas mais profundas, hora com ações e símbolos sutis, hora com um “tapa na cara” de uma

cena que traz aquele desconforto, aquele riso meio de lado. Desnudam-se opressores e oprimidos, jogos de poder, desigualdades. Assimetrias bailam diante de nossos olhos através de cenas e diálogos por vezes tão prosaicos e cotidianos, mas que trazem todo um universo de relações que vêm de uma sociedade com passado escravocrata, profundamente racista, machista, elitista, capacitista e LGBTfóbica. Adolescentes periféricos do extremo leste de São Paulo, sonhadores, artistas, corajosos, trouxeram sua bagagem de vida, sua e de seus familiares. Trouxeram a marca do viver na Cidade Tiradentes e suas adjacências. Trouxeram seus sonhos, seus medos, suas potências e as muitas adversidades que enfrentaram. Temos a entrevista de emprego, o caminho para o trabalho, o trabalhador sobrecarregado, a mulher-mãe-trabalhadora, o assédio moral

e sexual no trabalho, o trabalho alienado, o trabalho explorado, o trabalho precário, o trabalho informal, a ausência de trabalho. Temos os vieses inconscientes dos muitos preconceitos e discriminações enfrentados por mulheres, negras e negros, LGBTQIAP+, PCDs (pessoas com deficiência), a população periférica, a população idosa. Temos também as resistências, as frestas, as pequenas subversões e contestações, afinal também existe aqui a consciência de classe, o antirracismo, o feminismo, o combate às opressões e explorações. Ao fim e ao cabo, temos de manter acesa a chama da transformação, da revolução, mesmo quando parece não haver saída. Contradições talvez seja a palavra que melhor define esse texto, no plural mesmo, pois são várias. Onde há contradição, há dilema, há contestação, há mudança. Que o princípio marxista da dialética não nos deixe mentir! Desejo que *Temporário* contradiga, questione, intrigue, emocione e dê aquele comichão em todes que estão neste mundo para mudar.

Karen Nunes

Educadora de Cidadania e Política no Projeto 1ª CENA

Autores

PATRICIA NEVES

ANGELA IZIDIO

ARIEL ANDRADE

GABRIEL SELLIN

GUILHERME SANTOS

LUCAS DE BRITO

MAICOLN RIBEIRO

TATIANE MARQUES

THIAGO SOÁ

TONY ALOYSIO

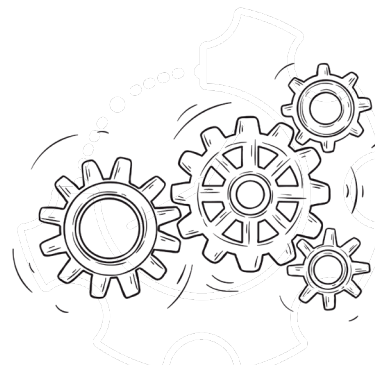


TEMPORÁRIO

Dramaturgia

CENA 1

DIVISÃO DO TRABALHO



PERSONAGENS

Homem

Mulher

Apresentador noticiário

Primeira parte: Começando o dia

Em cena, um ator e uma atriz. O palco se divide ao meio em dois ambientes e cada um ocupa uma das metades do palco. Ambos encontram-se deitados para dormir. Cada um, porém, tem uma experiência distinta durante a noite.

toda esta cena, o som de um contador de tempo como um pêndulo de relógio que conta cada segundo ocupa o ambiente. Além deste, há outro som que corta o ar periodicamente: o choro de um bebê. Ao sinal deste som, a mulher remexe-se na cama, pronta a atender o bebê que lamenta.

Durante toda cena há ao fundo um som de contagem de tempo:

`Tic - Tac - Tic - Tac - Tic - Tac - Tic`

Toca o despertador, imperativo!

A mulher levanta-se da cama abruptamente e inicia as demandas e preparativos para o seu dia.

O homem no ambiente ao lado, espreguiça-se e se permite prolongar seu descanso por mais alguns minutos.

Enquanto isso, a mulher atende o filho que despertou com o toque do relógio. Enquanto atende o bebe que chora, prepara a mamadeira e, mirando-se rápida e atentamente ao espelho, pega a escova de dentes. Coloca o creme dental e, ao colocar a escova na boca, logo corre para ver a mamadeira que deixou ao fogo.

Ambos, a mulher e o homem, ligam a tv

em determinado momento. O homem com um café que prepara em cena após levantar-se, senta-se confortavelmente no sofá em frente ao aparelho para desfrutar de café e noticiário. A mulher liga no mesmo noticiário porém escuta, se tanto, as notícias como pano de fundo enquanto realiza seus afazeres cotidianos.

Mulher

Liga o noticiário

Usa o banheiro

Leva o leite ao fogo

Lava o rosto e penteia cabelo

Coloca creme na escova, e, com a escova na boca, vai atender o filho que chora

Troca a fralda do filho e o prepara para levá-lo a creche

Faz tudo enquanto escuta o noticiário ao fundo

Aqueça a mamadeira e a dá ao filho após trocar sua fralda

Termina a escovação dos dentes de forma corrida e mal feita

Passa maquiagem

Sai de casa para o trabalho.porém da porta retorna porque esqueceu a tv desligada e sai novamente

Homem

Liga o noticiário

Coloca a roupa

Come torrada com café enquanto assiste TV preguiçosamente

Coloca o sapato

Escova os dentes

Sai para o trabalho

Desliga a tv

Durante todo o tempo em que estão em casa, até o momento em que o homem desliga a sua tv, ouvem-se ao fundo as notícias do dia:

**APRESENTADOR DO TELEJORNAL
(SOM DE FUNDO)**

- A Justiça do Pará acolheu pedido do Ministério Público Estadual e determinou a prisão temporária, nesta segunda-feira (10), de 11 policiais militares que atuaram durante o massacre de dez trabalhadores rurais no município de Pau D'Arco, no dia 24 de maio. Dois policiais civis também tiveram o pedido de prisão decretado.

- Uma "espada samurai" foi apreendida na tarde de segunda na região da

cracolândia, durante uma operação "de limpeza" da Guarda Civil Metropolitana (GCM) com apoio da Polícia Militar. A ação provocou novo tumulto entre usuários e agentes públicos.

Foi localizada uma grande quantia de dinheiro e outras armas como facas, uma pistola falsa e um estilingue, que, segundo os GCMs, é usado para abater drones.

Os tiroteios que resultaram nas mortes de civis e policiais em profusão em 2017 são uma infeliz e diária rotina para os moradores do Estado do Rio de Janeiro. Houve ao menos um tiroteio em todos os dias do ano de 2017.

TRANSIÇÃO

Segunda parte: Performance

Mulher e homem encontram-se cada um de um lado do palco.

Pendurados por fios de nylon acima deles estão alguns objetos que deverão trabalhar para obter: O fio que está ao lado da mulher é mais alto e mais inacessível

Ambos estão no mesmo lugar, um espaço dividido através de elementos cenográficos, do corpo, da iluminação e sonoplastia. As personagens procuram chegar nos mesmos lugares com dificuldades e privilégios desiguais, quando já estão bem próximos do destino se percebem, e começa a competição ambos tem que compartilhar e conviver no mesmo espaço. A dança permeia em torno de alguns elementos básicos para formação do indivíduo de uma sociedade contemporânea, elementos esses que são: educação, alimentação, saúde e trabalho.

Dinheiro, livros

Espalhados pelo chão, vários objetos ocupam o espaço:

Do lado da mulher vemos sutiãs, bonecas, maquiagens, mamadeiras e cesta de bebês, e, mais afastado, um livro; ao lado do homem, carrinhos, bolas, livros e instrumentos musicais.

Um pano vermelho enrolado em forma de corda divide o palco

Tanto a mulher quanto o homem encontram-se em posição de largada, como se fossem iniciar uma corrida.

Em dado momento ambos disparam na tentativa de obterem os objetos que encontram-se pendurados. Ao lado do homem, os objetos pendurados encontram-se mais acessíveis em uma altura um pouco mais baixa.

O homem, com a vantagem que tem sobre a mulher, encontra oportunidade de observá-la de forma avaliativa e debochada em vários momentos; e utiliza os objetos de cena para subir de forma a alcançar melhor; a mulher absorve-se compenetrada na tentativa de

alcançar o dinheiro para o seu sustento.

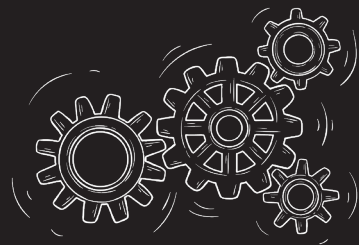
Após algumas tentativas, o homem pega parte do dinheiro, enquanto a mulher continua exaustivamente tentando, enquanto, por alguns instantes, o homem olha ironicamente para ela.

Por um momento a mulher para, exausta, encara o homem, e volta-se para ele em posição de confronto. Ambos pegam o pano vermelho, cada um de um lado e iniciam um cabo de guerra. Após alguns instantes, entra mais um homem em cena e, junto ao homem que já se encontrava ali, envolvem a mulher com o pano, cobrindo seu rosto e corpo enquanto esta luta para libertar-se. Aos poucos a mulher é levada para fora da cena arrastada pelo pano.

Fim da cena.

CENA 2

PERFORMANCE OPERÁRIOS



PERSONAGENS

Trabalhadores operários

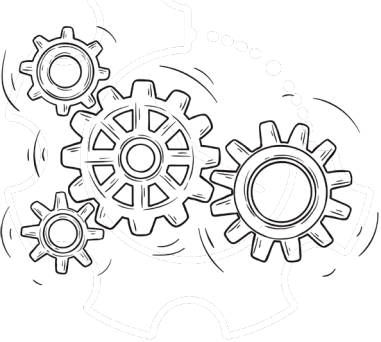
No palco a princípio vazio, entram operários de uma linha de produção. Entram sucessivamente de ambos os lados do palco, e movem-se de maneira robótica e seguindo as mesmas linhas estabelecidas, como se fossem vagões em uma linha de trem, fazendo um desenho comum e aparentemente cotidiano no espaço. Todos mantêm a mesma distância uns dos outros. Carregam caixas, e vez ou outra entregam essas uns para os outros, sempre de forma mecânica e como se fizessem parte de uma mesma engrenagem com objetivo em comum..

Todos usam crachás com o logo e o nome da empresa. De si mesmos, só portam um número que os diferencia perante os demais.

Durante toda a cena, a música Peridot (Gunnar Olsen) acompanha e dá o ritmo do trabalho nenhum deles atravessa o palco. Todos se movem nessas linhas

preestabelecidas e somente até o meio do palco, onde aguardam que um funcionário que atue na outra metade chegue até ele para entregar ou recolher a caixa. Todos mantêm os braços flexionados na altura dos cotovelos como se tivessem sido adaptados a utilizarem seus corpos exclusiva e funcionalmente para o trabalho que executam: o de manusear as caixas de mercadorias que carregam e colocam para funcionar nesse imenso maquinário humano.

Todo esse processo se inicia e aos poucos vai aumentando e intensificando seu fluxo até o auge quando todos estão em cena. A partir daí se reduz gradativamente a velocidade até todos saírem de cena.



CENA 3

PERFORMANCE
FUNCIONÁRIOS
IDENTIFICADOS

PERSONAGENS

*funcionários identificados com
crachás*

Toca o sino da fábrica

Troca a cena, todos agora empunham rodos e ocupam o espaço do palco de forma alternada em ziguezague.

Iniciam juntos o mesmo movimento com o rodo, passando-o em todo o perímetro. Os que estão atrás, no ziguezague, vão passando a frente e vice-versa, sempre mantendo a mesma mantendo o desenho alternado e em uníssono no espaço.

Segurando o rodo ao lado do corpo, e enxugando o suor da testa, agrupam-se ao meio do palco se perder a sincronicidade, e, juntos no meio do palco, formam, aos poucos, uma fila e, coletivamente, começam a puxar algo muito pesado, todos juntos. Trabalham nisso por alguns instantes e em seguida,

formam uma fila, desta vez na horizontal e na boca da cena, de frente para a plateia.

Cada vez mais roboticamente, começam a digitar no que parece ser uma máquina de escrever, todos juntos e ainda na mesma sincronicidade.

Digita, digita, digita, empurra o cilindro
digita, digita, digita, empurra

Conforme empurram o cilindro da máquina,
a cabeça de todos se move na direção do
cilindro, e retorna

se move e retorna

.....

Iniciam o processo de carimbar, manuseiam
as folhas e carimbam

manuseiam e carimbam

manuseiam e carimbam

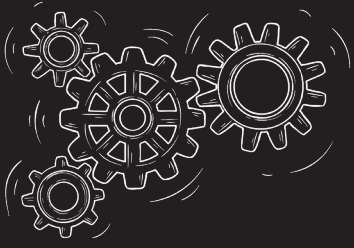
Em todos estes processos, todos olham
fixamente para frente, e em nenhum instante
para os objetos manuseados

Toca a sirene da fábrica- hora da saída dos
operários e funcionários

Todos saem de cena com alguns dos tiques
adquiridos durante o trabalho e, ainda
carimbando, seguem em direção a plateia.

E o término do turno e hora do descanso
para um novo dia que se repetirá.

.



CENA 4

ENTREVISTA DE EMPREGO

PERSONAGENS

Marcos

Entrevistador

Policiais

MARCOS - (FALA TUDO EM UM FOCO DE ILUMINAÇÃO BEM NA LATERAL DO PALCO)

Desde cedo a mãe da gente fala assim (Imita a fala que escutava da mãe):

- Filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor no que faz. "Aí passado alguns anos eu pensei:

Como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos 100 vezes atrasado pela escravidão, Pela história, Pelo preconceito, Pelos traumas, Pelas psicoses... Por tudo que aconteceu e acontece? Duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí?

ENTREVISTADOR

- Acorda pra vida rapaz! (Voz em off do entrevistador)

Fecha a cena. Blackout

Foco no entrevistador, que encontra-se sentado em uma cadeira de costas para a sala.

ENTREVISTADOR

_O próximo! Pode entrar!

Marcos vai caminhando bem devagar, de forma performática - demonstrando uma certa dificuldade para caminhar, alcançar algo - em direção ao que seria a sala de entrevistas.

Começa um som de polícia que vai aumentando aos poucos, como se estivesse se aproximando. A polícia o aborda e inicia uma revista. Tudo se passa rapidamente, e durante a caminhada até ser abordado, um foco permanece no entrevistador que aguarda observando o relógio periodicamente, e ao fundo faz-se um jogo de luz que sugere a luz da viatura, que hora oculta e hora revela a figura acuada de Marcos.

Repentinamente a luz se estabelece no exato momento em que o estão revistando.

MARCOS

_Eu só vim entregar um currículo.

ENTREVISTADOR

- (de costas para todos o tempo todo, diz para os policiais)_ Pode deixar, deixa. Mas continuem atentos (Para o menino)

_Foi só um teste.

- Então. Preciso saber como é seu nome?

MARCOS

(ajeitando sua roupa)_ Meu nome é Marcos.

ENTREVISTADOR

_Muito bem, Marcos (certo desdém na entonação)... Onde você mora?

MARCOS

_ eu moro na cidade Tiradentes, Zona leste.

ENTREVISTADOR

_ Vejo na TV esse lugar. Volta e meia passa no Datena. Então você mora numa casa simples com poucas coisas né?

MARCOS

_ Não! (Achando graça, sarcástico) Moro numa casa de tijolos, cimento..., bonita até. Apesar das dificuldades que enfrentamos, foi possível erguê-la com esforço e muito trabalho.

ENTREVISTADOR

_ Geladeira, máquina de lavar, micro-ondas, vocês conhecem?

MARCOS

- nós não só conhecemos, como temos! Não deve haver quem não conheça. Afinal servem para atender as necessidades de todos, né? A minha, a sua.....

ENTREVISTADOR

_ ah, entendi. Veio tudo fruto do trabalho de vocês ou de uma outra forma? Tipo: outros conseguiram trabalhando e acabou "caindo no colo de vocês"?

MARCOS

- não! Comprei junto com a minha mãe. Você consegue imaginar nós dois trabalhando pra termos nossas coisas? Trabalhando duro, mais até do que o normal? Parece lúdico, né?

ENTREVISTADOR

_ Diferente disso. Estou impressionado.
Marcos _Mas isso é tudo muito normal, comum onde moro! Engraçado para o sr, né?

ENTREVISTADOR

- (agoniado vai virando pra ver quem é o Marcos)
_Seus irmãos ajudam de que forma? Trazem as coisas pra casa?

MARCOS

_Eu não tenho irmãos! Sou filho único.

ENTREVISTADOR

_Essa tal Cidade Tiradentes aí é perigosa? Tem polícia lá?

MARCOS

_sabe que a polícia não me traz conforto algum? Em nenhum lugar?

ENTREVISTADOR

_Eu preciso ver seu atestado.

MARCOS

_ Que atestado? Ora, nem comecei a trabalhar ainda. E pode confiar que eu não sou de faltar.

ENTREVISTADOR

_ O atestado de antecedentes.

MARCOS

- Ah, sim...Fique à vontade. (Retira o papel de sua pasta e mostra ao entrevistador)

ENTREVISTADOR

_(irônico) você nunca roubou e nunca pegou nada de ninguém?

MARCOS

_Não! Você já?

O entrevistador respira e fica em um longo silêncio. Em seguida, quase que constrangido finaliza a entrevista subindo na cadeira e olhando Marcos de cima para baixo

ENTREVISTADOR

_A gente entra em contato com você. Muito obrigado pela disposição!

MARCOS

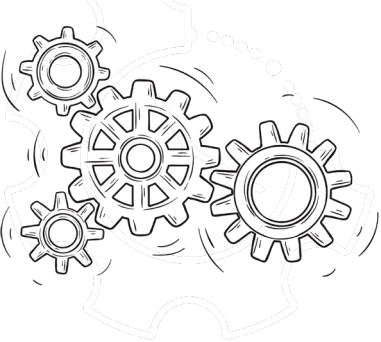
- (irônico) obrigado você! .

Fecha a cena, cortando o foco do entrevistador.

Luz no Marcos, que está a frente e fala ao público

MARCOS

_Ser duas vezes melhor? Quem foi o pilantra que nos impôs isso? Certamente não fomos nós que somos pretos. Não penso duas vezes melhor. Penso infinitamente melhor. Penso que todos devemos ser tratados iguais. (Blackout)



CENA 5

MULHER

TRABALHANDO

PERSONAGENS

Ana Carolina - Mulher feirante

Marcio - Vendedor de frutas

Vendedor de DVDS

Transeuntes e freguesia

Em cena, vemos barracas com lonas coloridas, e homens que apregoam a venda de frutas, como maçãs e bananas. Há também um vendedor de DVDS piratas.

Márcio já está em cena

MÁRCIO

_Olha a banana! Olha a banana!
fresquinha fresquinha! Mulher bonita
não paga...mas também não leva!!

VENDEDOR DE DVDS

_Olha o DVD!!! Três por 10! Três por 10!!
Vamo aproveita!! Vamo aproveita!!!

(Durante todo esse apregoamento incessante, entra uma mulher com seus utensílios e, sob o olhar embasbacado do feirante da barraca ao lado que vende frutas, ela inicia a montagem da sua barraca. O feirante, que antes apregoava sua mercadoria, se aproxima da colega que trabalha diligente na montagem da sua própria barraca. Ele se aproxima com um riso de deboche e observa a colega de alto abaixo várias vezes)

MÁRCIO:

_ Hey, o que você está fazendo?

ANA CAROLINA:

_ Como assim? (Sempre trabalhando enquanto fala)

MÁRCIO:

_ Como assim? (Irônico) pergunta mais idiota

ANA CAROLINA

_ estou montando minha barraca, ué...ou melhor tentando montar. Me dá licença por favor (fala enquanto Márcio tenta de toda forma "ajuda-la" enquanto na

verdade atrapalha
(Ana sai em busca de mais uma de suas
caixas de mercadoria)...

ANA CAROLINA

_ O que você está fazendo?

MÁRCIO

- Tô te ajudando!!! Depois vc me agradece
passando o número do ZAP.

ANA CAROLINA

_ Você está brincando??!!?!?!....só pode

MÁRCIO

_ Brincando?!?!?!Feira não é lugar pra
dondoca tramar não,(fala buscando
apoio com o olhar, ou para a plateia ou
para os colegas homens ao redor) Ainda
mais uma mulher sozinha sem marido,
família.

ANA CAROLINA

_ Dondoca e sua mãe. Por que você está
me ajudando?Eu não pedi ajuda

MÁRCIO

_ Olha pra você! Você não tem força pra montar uma barraca. E não fala assim da sua sogra

ANA CAROLINA

_Eu não preciso da sua ajuda (empurra Márcio)

MÁRCIO

_ mas e o whatsapp? Vai rolar pelo menos...insiste se aproximando de Ana

ANA CAROLINA

_Me dá licença, que diferente de você eu estou trabalhando. Você acha que por ser mulher eu não posso ter um espaço aqui como vc e trabalhar em paz?

MÁRCIO

_Calma, moça, eu só perguntei por que achei estranho uma mulher, assim, (fala se aproximando cada vez mais e tocando nela) deveria estar trabalhando como manicure, cabeleireira, não aqui na feira, ainda mais assim sozinha

ANA CAROLINA

_ Essa é a sua opinião.

O fato de eu ser mulher e de me arrumar não faz de mim uma dondoca, ou alguém menos qualificada que vc ou que outros que trabalham aqui. Faço meu trabalho como qualquer outra pessoa

MÁRCIO

_ Viu??? Vc já está estressadinha? Tá vendo? Não serve para trabalhar na feira. Vai pra casa, menina, vai passear. No shopping por exemplo. Aqui é lugar pra homem e não pra uma mulher sozinha. Vai que mais tarde eu te encontro pra gente tomar alguma coisa.

ANA CAROLINA

- (Empurrando Márcio que estava quase tocando em sua cintura)

_ Como eu disse, essa é sua opinião

Márcio cai em cima da própria barraca e derruba parte dela

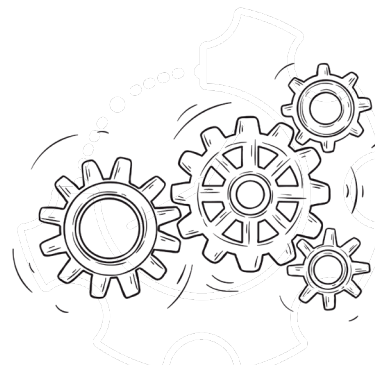
MÁRCIO

_ Poxa, me ajuda aqui

Todos os homens que até o momento não tomavam partido debocham da situação

CENA 6

LEILÃO



PERSONAGENS

Assistente

João D- Apresentador do programa

Homem negro

Mulher branca

Mulher negra

homossexual

Compradores

(estes estão sentados na platéia com o público)

Programa de auditório televisionado que leiloa pessoas-produto para o mercado de trabalho.

Os personagens estarão amarrados uns aos outros pelo pescoço e pelos pés .

Palco escuro. Acende uma luz e começa a abertura do programa com música e com o assistente, que usa uma roupa com mangas coloridas como um bobo da corte. Ele anuncia o programa e também faz alguns outros anúncios voltados ao público que os assiste; empresários brancos e ricos.

Por fim, anuncia que virá apresentar.

ASSISTENTE

_ Para apresentar este programa que é somente para você, a elite! Então aqui hoje com vocês no nosso show do mercado de trabalho, vem ai agora o grande JOAAAAAOOOO DDDDDDDDD!!!!!!

Entra pelo centro, ao fundo, um homem branco branco. Ele usa um belo terno e parece poderoso

JOÃO D

- Boa noite senhoras e senhores, hoje é dia de mais um leilão aqui no nosso mercado de trabalho, em sua terceira edição. Pra você que ainda não conhece

o nosso leilão esse é o lugar ideal para você, investidor, acionista e dono de empresas encontrar uma ótima mão de obra pelos melhores valores.

Enfim, sem mais delongas vamos aos nossos produtos.

Entram os oprimidos, acorrentados uns aos outros, homens e mulheres, em fila, e param atrás do apresentador. Ele aplaude e agita enquanto eles entram

JOÃO D

_ Nosso primeiro produto é essa mulher aqui. (medindo-a de alto a baixo

Ela é bonita

(quando ele fala isso, os próprios homens presos junto a ela a medem da cabeça aos pés, fazendo gestos de aprovação com a cabeça de forma afirmativa, enquanto a mulher o olha com olhar de desprezo) (João D continua)

JOÃO D

_ tem boa aparência, é branca, ótima para serviços como secretária, e também...

quem sabe alguém aí pode usar a imaginação!

(Volta-se para a segunda mulher)

JOÃO D

- A segunda já é uma mulher negra. Apesar da cor ela também é super eficiente, varre, cozinha, é perfeita para cuidar e servir...(de forma irônica e beliscando o braço da mulher) _..... e de muitas outras formas

(Volta-se para o próximo homem)

JOÃO D

_(tira o pano) Aqui já temos um homem negro. Esse sim trabalha que é uma maravilha, aguenta até 12h de trabalho sem descanso, ideal para serviços braçais e que precisam de força.

E por último, (tira o pano) temos esse rapaz homossexual. Esse ... infelizmente não serve pra muita coisa. Ele é meio fresco, pra qualquer serviço fica reclamando, mas é muito bem humorado. João D _Agora que estão todos

apresentados, Vamos aos lances. Lance inicial?

COMPRADOR 1

- meio salário mínimo pela mulher branca.

JOÃO D

- meio salário mínimo pela mulher branca, quem dá mais?

COMPRADOR 2

- meio salário mínimo e uma cesta básica..

JOÃO D

meio salário mínimo e uma cesta básica.
Alguém mais?

COMPRADOR 1

- meio salário mínimo, cesta básica e transporte.

COMPRADOR 2

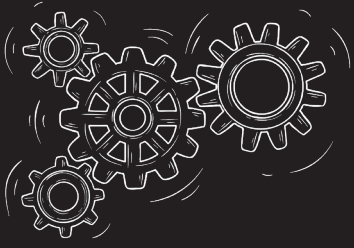
- meio salário mínimo, cesta básica, transporte e férias remuneradas.

JOÃO D

- meio salário mínimo, cesta básica, transporte e férias remuneradas pela mulher branca. Alguém mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três. Vendida mulher branca por meio salário mínimo, cesta básica, transporte e férias remunerada.

Voltamos já já dos nossos intervalos. Não saia daí.

Toca música/vinheta e o assistente dança e faz graça.



CENA 7

EMPREGO NOVO

PERSONAGENS

Junior

Chefe

Funcionaria 1

Funcionario 2

Junior, funcionário que acaba de ser contratado pelo escritório em que se encontra, mostra-se muito feliz em seu primeiro dia de trabalho. Aparece sentado à uma mesa com uma pilha de papéis, canetas grampeador e carimbos. Sorri e cantarola, o que evidencia sua condição de recém contratado.

Entra uma funcionária, esta mostra-se já familiarizada com a firma. Carrega mais uma pilha de papéis e dirige-se ao novo colega:

FUNCIONÁRIA 1

—Aí! É Junior, seu nome, certo? Você é o estagiário, estou certa? Tem como você preencher estes formulários para mim? (Pergunta enquanto descarrega sobre a mesa a massa de papéis que se encontram em suas mãos sem esperar a resposta do novo colega) _Então tá!!
Obrigada, querido!

(Saindo da sala e entra o chefe)

JUNIOR

_ Bom dia, senhor

CHEFE

_ Junior, vou precisar que você atenda alguns telefonemas importantes para mim e anote os recados

JUNIOR

_ Está ótimo! Claro que sim, senhor

Chefe sai antes que Júnior possa terminar de falar. Em alguns instantes, enquanto Junior verifica e inicia os trabalhos com os papéis,

entra mais um colega. Este mostra-se bastante familiarizado e à vontade na empresa, denotando que já trabalha alí a algum tempo.

FUNCIONARIO 2

_De boa, companheiro? Então, estou aqui co essa pilha de papeis para carimbar e surgiu um trabalhinho extra...tem como me dar uma ajudinha, irmão?

(Enquanto fala, sem aguardar resposta, vai colocando mais um calhamaço de papeis na mesa do novo colega). Vira-se e já vai saindo, deixando Junior com um tanto de surpresa e por isso mudo por alguns instantes, quando se lembra de olhar rapidamente para traz para agradecer

FUNCIONÁRIO 2:

_ Obrigada!

JUNIOR

(meio entredentes)

_Mas não era trabalho seu???

Entra novamente a primeira colega enquanto toca o telefone

FUNCIONARIA 1

_ Junior, temos que entregar tudo em 10 minutos, está bem? Volto jájá!

Junior gesticula algo enquanto responde ao telefone

JUNIOR

_ Sim, senhor! Esta agendado! Em trinta minutos! Está bem!

Junior acente com a cabeça

CHEFE

_ Preciso que cancele todas as reuniões de hoje, Junior!

O patrão fala sem nem ao menos aguardar uma resposta. Neste momento Junior já apresenta sinais visíveis de estresse; O telefone começa a tocar cada vez com menos intervalos

FUNCIONÁRIO 2

- (entrando na sala) _ Irmão, o chefe mandou ligar para as empresas e cancelar todos os compromissos de hoje e nós só temos 10 minutos para entregarmos todas as papeladas. Eu torço por você! Sei como é o período de experiência! Volto daqui a pouco!

JUNIOR

(sozinho e entre uma ligação e outra)
_Éhhh, meio corrido, mas eu dou um jeito! (Junior, porem já começa a carimbar as folhas com o telefone e atender o carimbo)

Junior começa a executar tudo ao mesmo tempo, em uma velocidade cada vez maior, enquanto os colegas e o chefe passam em um looping cada vez maior e com mais tarefas ou cobranças para ele. Esse áudio tem algum efeito que deixe ele bem caótico. Luz fazendo passagem de tempo. Junior vai virando robô e começa a misturar tudo e a perder o controle. Começa a carimbar a testa e falar coisas desconexas.

Todos se calam e, lamentando, chamam uma enfermeira, que o leva embora enquanto todos lamentam a perda de mais um funcionário.

FUNCIONÁRIA 1

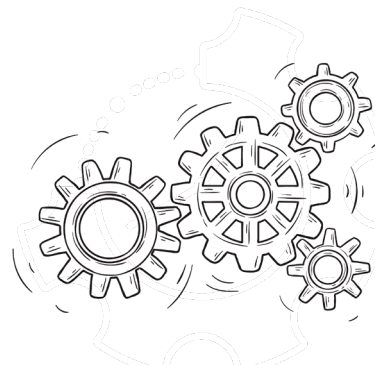
_ Poxa, esse durou menos que o último

CHEFE

_ Podem pedir para o candidato que está aguardando entrar! O nome dele é Junior. Peça que entre e vá preenchendo a ficha! Assim que eu voltar do almoço eu atendo eu o atendo!

CENA 8

METRÔ



PERSONAGENS

Dona Vera

Senhor Luiz

André

Leticia

Sr Antonio

Vendedor ambulante

Criança 1

Criança 2

As pessoas que ocupam o metrô na linha amarela vivem um sonho, que na real é uma bolha eterna. Onde elas chegam a se relacionar de maneira educada, uns com os outros. E tudo se torna lindo. Um paraíso. Porém,

todas as pessoas que estão neste momento ocupando a linha amarela são pessoas que moram pelos lados da linha coral, onde elas estouram essa bolha e só se relacionam de maneira não educada. Umas com as outras. E tudo se torna um caos. Um inferno.

Primeira parte: Linha amarela do metrô

Começa um grande sonho. Entram as pessoas no metrô. Todos muito bem arrumados. Só terão dois assentos, que serão os preferenciais. Nessa cena pode ter, pelo menos no começo, bolhas de sabão soltas ao ar André e Letícia estão sentados no preferencial, mas assim que entram a dona vera e o seu Luiz eles cedem o lugar Seu Luiz

DONA VERA

- Muito obrigado!

ANDRÉ

_ De nada!

VOZ DO METRÔ

(fala cantando com musiquinha do coldplay ao fundo) bem vindos à linha amarela. Esse metrô vai com destino à estação luz. Saibam que aqui andam juntos patrões e bons funcionários. Tenham todos uma ótima viagem.

ANDRÉ

- Ai amiga, tão boa essa vida de trabalhador que a gente leva. Não trabalhamos nem 8 horas por dia e ganhamos bem. Parece um sonho.

LETÍCIA

- não é amigo? Hoje eu quase não trabalhei. Quase nenhum paciente. A saúde nesse país é muito boa.

DONA VERA

- cês tavam trabalhando é? Tão jovens, bonitos..

LETÍCIA

- ah, obrigada. A senhora que é uma fofa. Eu trabalho num hospital. Quer dizer, "trabalho" porque a saúde está tão

boa que nem tem muito serviço.

DONA VERA

- olha que lindo seu Luiz. (Cutucando ele)

SEU LUIZ

- (responde no susto) é, esse metrô é lindo mesmo. (Volta a dormir)

DONA VERA

- e você jovemzinho? O que faz?

ANDRÉ

- ah, eu trabalho numa empresa de construção. Terceirizada. Seria bem simples se não tivesse tanto benefício ao trabalhador. Como tem é algo fantástico. Eu amo esse emprego. Por ele eu fico rico. Com certeza

DONA VERA

- olha que lindo seu Luiz. (Cutucando ele)

SEU LUIZ

- (responde no susto) é, esse metrô é muito lindo mesmo.

LETÍCIA

- e a senhora, o que faz por aqui?

DONA VERA

- Estou passeando. Não trabalho mais por causa da aposentadoria. Porque aqui a gente se aposenta e ainda sobra bastante tempo de vida pra descansar e aproveitar né.

ANDRÉ

- nossa, que bom!

Dona vera repara nas duas crianças muito felizes com roupa de escola

DONA VERA

- olha, dois garotinhos sozinhos no metrô. Pra onde estão indo esses bebezinhos?

CRIANÇA 1

estamos indo pra escola estudar, pra ser

alguém na vida.

CRIANÇA 2

- isso! Não pra fazer arte ou por esporte.
Dona Vera - olha que lindo seu Luiz.
(Cutucando ele)

SEU LUIZ

- (responde no susto) é, esse metrô é
muito lindo mesmo.

Entra o vendedor

VENDEDOR

- (sorridente) boa tarde senhores
passageiros. Eu poderia estar matando,
roubando, me prostituindo ou até
mesmo vendendo coisas aqui. Mas
eu, como todos vocês, sou uma pessoa
empregada. Muito bem empregada e só
estou expondo isso pra vocês aqui.

VOZ DO METRÔ

- atenção senhores passageiros a música
do anúncio da nossa última estação.

(Todos se levantam e se preparam para performar) estação luz. Todos começam a dançar a música do metrô, muito felizes.

Dá um black out de uns 5 segundos que é o tempo para eles saírem de cena e se prepararem para entrar na próxima

PARTE 2 : Linha 11 Coral da CPTM

(Tudo escuro. Toca um despertador (galo) e enquanto a luz vai acendendo aos poucos.

Letícia e André estão sentados no preferencial e entram seu Luiz e dona Vera

ANDRÉ

- eita! Finge que tá dormindo! (Fingem)

SEU LUIZ

- (para Letícia e André) dá licença?
(Dando um tapa em André) _Ei rapaz, não está vendo que esse assento é preferencial?

ANDRÉ

- (levantando com Letícia) um pouco de educação vai bem! (Passam encarando os senhores)

CRIANÇA 1

- por isso tá uma bofa a educação hoje ó. Na época deles já era ruim, aí vai só piorando.

CRIANÇA 2

- aff.

VOZ DO TREM - (DESANIMADA)

senhores usuários. Esse trem vai com destino a estação Guaianazes. Tenham todos uma boa sorte.

SR. ANTÔNIO

– (fala Subitamente e muito alto) Mas eu quero ver é trabalha no pesado, Pra ver como é suar a camisa de verdade, e ganhar seu dinheiro com honestidade, Não trabalha não... (As pessoas ficam incomodadas) Olha... porque o gringo, só que saber de vim pra São Paulo para ganhar lucro, ficar na moleza... Eu trabalhei 30 anos em obra! Pegando no pesado viu, carregando saco de cimento nas costas!

DONA VERA

– O senhor está falando a verdade mesmo! Isso é um trabalho digno.

SR. ANTÔNIO

E ainda trabalho... Com mais de 50 anos nas costa..

DONA VERA

– Isso que é trabalhar, suar a camisa...O meu pai criou eu e meus irmãos trabalhando de pedreiro, e nunca faltou nada!

SR. ANTÔNIO

– E esse corpo ainda aguenta! É forte!
(Sai)

DONA VERA

– (vira para seu Luís) Aí Sr. Luís está vendo? Como esse homem é gente de bem?

SR. LUÍS

– Ah? Que? Já chegou?

DONA VERA

– (volta a olhar pro moço que não está mais) ué cadê o homi?

ANDRÉ

- Vish...Cara doido de pedra. Vou sair da construtora. As outras empresas contratam e a gente trabalha que nem uns condenado, ganhamos pouco e acabaram com o conceito de categoria. Nem greve podemos fazer mais.

LETÍCIA

- e eu que não aguento mais trabalhar nesse hospital. É muito corte de verba. É pouca verba pra muita necessidade. E o pior é ter que improvisar pra não ver mais alguém morrer.

DONA VERA

- cês tão trabalhando e ainda tão reclamando é? Que pouca vergonha isso. Cada vez menos orgulho desse país, cada gente ignorante né seu Luiz? (Cutucando ele)

SEU LUIZ

- é, cada vez menos. Cê tem toda razão. (Volta a dormir)

DONA VERA

- já que tão reclamando tanto passa o emprego de vocês pra gente. André - ah, lá vem os velhos.

LETÍCIA

- só pode ser brincadeira. A senhora está aposentada. Sossega vai.

DONA VERA

- quem se aposenta minha filha?. Isso tá ultrapassado. Ninguém aposenta mais não.

SEU LUIZ

- e a gente chega na idade de descansar, dormir e não consegue mais. Tem que trabalhar.

LETÍCIA

- ah, então vão estudar vão.

ANDRÉ

- é, vão estudar pra arrumar um bom emprego.

CRIANÇA 2

- han, han. Como se isso ajudasse. Não vai não.

CRIANÇA 1

- É! Perda de tempo. E vocês não têm mais tempo a perder.

CRIANÇA 2

- Fora que sociologia, história, arte, educação física, tão indo pro saco.

CRIANÇA 1

- é, falam que você pode escolher o que quer estudar, mas na verdade já tiraram o que você gosta de estudar. Realmente a melhor educação tem vindo de casa.

Joana começa a falar muito alto no telefone

JOANA

- O'Que? Você me aguarda em! Quem mandou você fazer isso? Espera eu chegar ai viu, vou descer tanto o cacete em você. Mas tanto, tanto que você vai se arrepender pelo resto da sua vida... E cala a boca viu! Me escuta direitinho.

Eu vou chega aí e te arrebentar, você está me ouvindo? Você entendeu? As pessoas do Trem se incomodam, e alguém pede pra essa mulher falar mais baixo, inicia uma confusão

DONA VERA

- Nossa colega, você não precisa falar desse jeito com a criança.

ANDRÉ

- Nossa Tadinha.

JOANA

- Criança? Esse moleque tem 15 anos já! E a senhora cuida da sua vida viu...mas to dizendo.

LETÍCIA

- Mas é melhor a senhora tomar muito cuidado viu, se não eu te processo, por maus tratos a menores de idade!

SR. LUÍS

- (Acorda de sobressalto) Sim

DONA VERA

– Fica quieto seu Luís!

ANDRÉ

- Mas esse filho dela ai deve sofrer em?

JOANA

- o quê que é? (Começam a discutir)

Entra o vendedor interrompendo

VENDEDOR

- bom dia senhores passageiros. Eu poderia estar com saúde, trabalhando, aposentado, ou até mesmo matando, roubando, me prostituindo, mas estou tentando ganhar meu dinheiro sem ir pra esses caminhos fáceis. Estou aqui pra vender a bala fini, por apenas um real. (vira-se para Dona Vera) _ Vai querer senhora?

DONA VERA

- Eu não! Por que eu também to aqui pra vender as minhas né seu Luiz? (Levantando os dois com as caixas de bala fine)

SEU LUIZ

- é isso mesmo!

ANDRÉ

- pois vai pro outro vagão que esse é nosso. (Pegando as caixas da bolsa)

LETÍCIA

- isso mesmo. A gente chegou primeiro. (Pegando as caixas da bolsa)

JOANA

- mas não tem essa aqui não. (Pegando as caixas da bolsa) Todos começam a discutir muito até a criança interromper pro maquinista falar

CRIANÇA 1

- Presta atenção! O condutor tá falando falar!

VOZ DO TREM - (DESANIMADO)

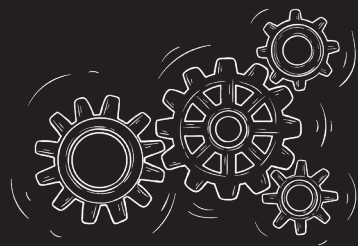
próxima estação terminal Guaianases.

(?)

Ai dentro vocês encontram bala fine
por 1 real. Aqui na minha cabine vocês
levam apenas 50 centavos.

Todos começam a discutir novamente.
Luz vai apagando

O PROCESSO



O PROCESSO



A quinta turma do Projeto 1ª CENA, núcleo Zona Leste, iniciou suas atividades em julho de 2016.

Não poderia ser um grupo mais diverso. Diverso na materialidade e subjetividade de seus corpos, de suas histórias, seus valores, crenças e expectativas.

Todos porém habitavam as periferias de São Paulo.

Diferentes nos sonhos mas unidos no sonhar. A carência em diferentes faces ligava a todos, assim como o desejo definido ou não.

Vinte jovens com idades entre 14 e 21 anos saiam de suas casas a caminho do CEU Inácio Monteiro, aos sábados e domingos para encontros práticos, bate papos, dinâmicas e jogos. Referência e repertório, Comunicação e Expressão, Cidadania e Política e Teatro eram os motes dos encontros, e diferentes educadores traziam cada uma destes materiais a serem trabalhados.

O tema que foi apresentado para a turma e

com o qual trabalhamos até o final do processo foi “Etnocentrismo”.

Com toda essa multiplicidade, os conflitos se fizeram presentes rapidamente e geraram muitos encontros, aprendizados, divergências e atritos.

No ano de 2016 as tensões políticas, sociais e ideológicas estavam afloradas e se acentuando no Brasil e no mundo e isso também se refletia nas divergências que surgiam em meio a turma. E parte significativa destes enfrentamentos se deu de forma silenciosa.

Logo se iniciou uma evasão gradativa de parte da turma que perdurou ao longo do processo. Processo este que durou cerca de um ano e meio.

Porém nem toda essa dispersão de material humano se deu por tensões dentro do projeto. Parte dessa evasão, como era de se esperar, veio devido a carência de trabalho e recursos, características da realidade periférica ou porque o horário do novo emprego era incompatível com a continuidade no projeto, ou por questões familiares e/ou ausência de recursos para transporte.

Porém, como a arte imita a vida e vice-versa, muitos dos temas levantados no espetáculo final e ao longo de todo o processo se fizeram presentes nas relações entre os jovens e até na negação no estabelecimento dessas relações necessárias no trabalho coletivo. Houve uma negativa muda de diálogo por parte de alguns dos jovens, e esse também acabou sendo um dos motivos de evasão.

A participação feminina também encontrou percalços e só isso daria um livro à parte. Uma das jovens engravidou, e devido a falta de infraestrutura e complicações teve que se afastar ao menos de maneira frequente. Foi uma perda significativa, já que além de ter um enorme talento e beleza, era até então, uma das educandas mais participativa e engajada.

Quase em seguida, de um dia para o outro, de três mulheres que somavam o grupo, ficamos sem nenhuma, e os textos que tratavam sobre desigualdade sexual estavam praticamente prontos.

Após alguns dias de reflexão, e para riqueza da turma, uma delas decidiu voltar.

E foi com sete meninos e uma menina que

o trabalho foi retocado, discutido, ensaiado e levado ao palco. Claro que com a presença de uma só mulher, uma das cenas teve que sair antes de ter seu roteiro finalizado.

O processo com todos os seus percalços e dificuldades, unido a resistência e força do grupo que permaneceu, trouxe tempera a todo o trabalho e também a cada integrante.

Cada cena, cada ensaio, em dias e horários alternativos já que os horários preestabelecidos já não davam conta. Cada etapa conquistada com muita luta mesmo com o cansaço e os poucos recursos de que dispunhamos fortaleceu a todos, cada um ao seu modo.

Com ou sem o apoio de familiares, e com todas as dificuldades que um jovem periférico pode encontrar para estar junto coletivamente em um processo artístico, aos finais de semana a turma estava lá, disponível, para repetir exaustivamente ou para modificar entradas, saídas e discutir o que se queria comunicar, e se aquela era a forma eficaz para tanto.

Tivemos, na etapa final, o retorno da educanda afastada pela gestação e a presença

de sua bebê e mais nova integrante do grupo, a Lika Niara, que fez parte dos encontros finais e deu seus primeiros passos no caminho de perceber-se como um corpo independente da mãe.

Esta etapa também foi muito importante para levantar uma discussão entre nós educadoras(es) e equipe:

Nós somos rede de apoio para mães em ambiente de sala de aula ou carregamos aquele velho senso comum de que quem é mãe está apartada de qualquer coisa que não se relacione a criança? Somos uma sociedade que pensa politicamente as mães e as crianças? E as mães para além das crianças?

O trabalho Temporário foi levado ao palco do CEU Inácio Monteiro inúmeras vezes e teve também uma apresentação levada à ALESP (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo).

Vale ressaltar ainda que o trabalho todo foi pensado e elaborado durante as discussões e reformas, tanto trabalhistas como da previdência, que ganharam força durante o governo Temer (2017) e viriam a se acentuar

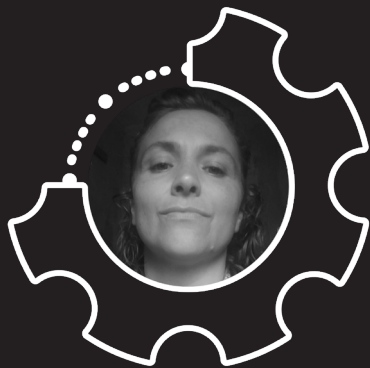
nos anos seguintes. As mudanças que se sucederam minaram sucessivamente os parcos porém importantes direitos historicamente conquistados através de muita luta por trabalhadores e movimentos sindicais. Em um país como o Brasil, onde a cultura escravocrata ainda impera em inúmeros setores, os ataques a CLT e à Previdência alargaram ainda mais a desigualdade de direitos e fragilizaram enormemente a vida da população trabalhadora e de quem, após uma vida de contribuição, via desaparecer a proteção de uma velhice minimamente assegurada. Inevitavelmente este acabou se tornando um dos temas centrais das rodas de discussão e criação dentro do processo.

O trabalho segue potente e atual em seu tema e desenvolvimento, e foi resultado de muitas trocas, força, garra e abertura para pensar a si mesmo no mundo e a si em relação ao outro. Foi uma conquista e uma vitória de jovens talentosos e cheios de potencial. Um pequeno exemplo de como a diversidade é potente quando há desejo e disponibilidade à reelaboração e à escuta.

AUTORAS E AUTORES

PATRICIA NEVES

(Artista educadora de teatro)



A r t i s t a pesquisadora das artes do corpo e da cena. Atravessada por uma confluência de experiências, técnicas e caminhos artísticos, me considero sempre em formação, além de rebelde, inquieta e insatisfeita. Ao longo da minha trajetória fui também agraciada pelo encontro com mestras e mestres incríveis que me inspiram sempre. Passei pela ELD Santo André, que carrego sempre comigo onde quer que eu vá. Atualmente estudo dança e educação somática.

ANGELA IZIDIO



Em 1998 nascia uma sagitariana sem medo do mundo e seus julgamentos.

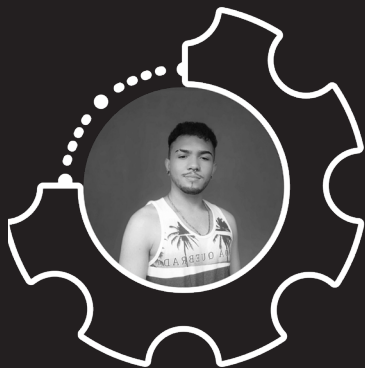
Casada, cursando Publicidade & Propaganda, trabalhando no ramo de vendas direta,

23 anos depois, continua a mesma menina: indecisa, aleatória, cheia de sonhos, vivendo no mundo da lua, amando e sendo amada por sua família e amigos.

Em resumo: Eu/Ângela.

ARIEL ANDRADE

24 anos



Homem gay preto teve seu primeiro contato com a arte ainda criança, com 6 anos, onde se identificava com a música e canto. Desde então passou a articular shows e projetos artísticos em parceria com a casa de cultura de Guaianases, ZL de São Paulo. Participou do projeto Guri no CEU Jambreiro onde começou a ter seu primeiro contato com o vocacional e áreas artísticas. Em 2016 iniciou no teatro vocacional. Cursou projeto espetáculo na fábrica de cultura, estudou roteiro, contrarregragem e dramaturgia. Passou a integrar o grupo 'Sobre Viver', um grupo de teatro musical que carrega como tema central a saúde mental e a prevenção ao suicídio, fazendo a apresentação do espetáculo "sobre viver: uma intervenção pela vida" que usa características do teatro documentário com relatos e vivências reais, espetáculo esses que foi fomentado pelo VAI.

GABRIEL SELLIN



Sou o Gabriel, tenho 26 anos, faço teatro há 11 anos, gosto de cantar, tocar guitarra e ir a peças musicais. Particpei do Projeto 1ª CENA na Usina dos Atos, pois queria ir além das minhas

expectativas e ali achei uma oportunidade de deixar timidez e me abrir para novos horizontes, conhecer novos amigos não só amigos mas como uma família do teatro. Foi muito importante produzir o espetáculo Temporário em 2017, na finalização do curso.

GUILHERME SANTOS

25 anos



Em 2016 ingressou na faculdade de Comunicação social - Radialismo pelo Prouni na universidade São Judas Tadeu, durante o curso, buscando formas de se aprimorar na comunicação encontrou o Projeto 1ª CENA, do coletivo Usina dos Atos, participou da 5ª turma e como conclusão de curso realizou o espetáculo "Temporário". Nos anos seguintes também realizou oficinas livres de dança e expressão corporal na Fábrica de Cultura, estudou violão clássico no Projeto Guri Santa Marcelina, por um ano. Em 2018 iniciou no curso É Nois na Fita e realizou seu primeiro curta metragem "Tudo Por Dinheiro", nas funções roteirista e diretor de fotografia, em seguida fez parte das Oficinas Kinoforum - Módulo II e participou da

produção do curta metragem “Afeto” como editor. Os dois filmes foram exibidos no 30º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo de 2019. Neste mesmo ano concluiu a faculdade com dois projetos: o documentário “Colo”, onde foi fotógrafo e editor, e o curta “Norma” assinando sua primeira direção. Mais recentemente em 2021/22 participou da adaptação para o audiovisual da peça “Periferia Esperança” da Cia Corpos Outros, como fotógrafo e colorista.

Atualmente trabalha como editor, mas sem deixar de explorar outras áreas que ama como a fotografia, escrita e a música.

LUCAS DE BRITO

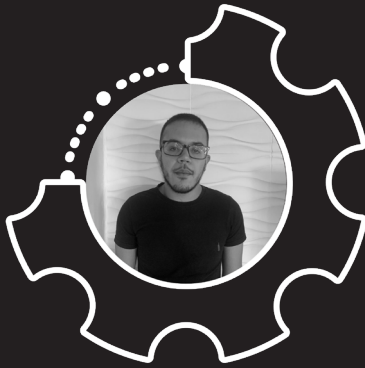
mais conhecido como LUKÃO



é ator, improvisador e humorista. Iniciou seus trabalhos em 2014 com a companhia NÓS4, grupo de improviso que integra até os dias de hoje e desenvolve em conjunto roteiro para shows de humor de comediantes da cena atual de Stand Up Comedy. Estudou comédia e improviso com

Gustavo Miranda (Elenco do porta dos fundos e considerado um dos melhores improvisadores da América Latina), Allan Benatti (jogando no quintal), Márcio Ballas (é tudo improviso - Band), Marco Gonçalves (Lady Night - Tatá Werneck - Globo) entre outros.

MAICOLN RIBEIRO



Morador e residente da Vila Itaim, que fica na Zona Leste, graduado em Serviço Social, iniciei a minha trajetória com o sonho de ser

agente cultural do meu próprio bairro, dentro de todas as oportunidades realizei o Projeto Jovens Urbanos, Projeto Pense Grande e o Projeto Várzea do Tietê no Instituto Keralux , além do Projeto 1 CENA, pela Usina dos Atos. Atualmente sou educador e proponente de um projeto pelo VAI e faço parte do Coletivo Relatandos aqui na minha comunidade.

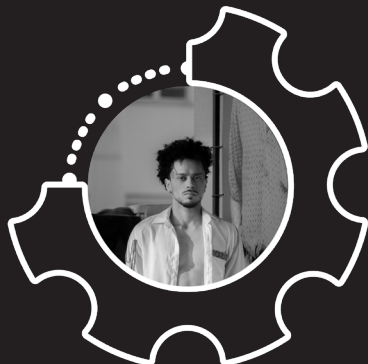
TATIANE MARQUES



Mulher, preta, periférica, da zona leste de São Paulo, mãe solo, fotógrafa e modelo fotográfica, iniciou na cultura aos 14 anos, pelo programa vocacional e desde então permeia em vários outros lugares, tendo estudado na Globe Escola de Teatro e Cinema, ETA - Estúdio de Treinamento Artístico e ELT - Escola Livre de Teatro. Atriz e dançarina, Formada em cenografia e contrarregragem pelo instituto Criar de TV Cinema e Novas Mídias, iniciou seu trabalho como produtora cultural através do programa Jovem monitor cultural de 2019 /2021, integrante da coletiva Ahosi, coletiva está formado somente por mulheres, CEO da Oju Dudu, Co- fundadora da Kilombo Cultural uma loja colaborativa 100%

administrada por mulheres pretas e mães solo e sócia da marca de roupas e acessórios Omisoró, trilhando novos caminhos vem passando a desenvolver trabalhos como arte educadora pela Associação Carolinas e acreditando que a educação move montanhas atuou recentemente como educadora sócio educativo.

THIAGO SOÃ



Iniciou sua trajetória artística em 2013, como guitarrista da Banda Trova, onde circulou por várias periferias de SP. Estudou atuação no Projeto Social 1^a CENA, do Usina dos Atos, finalizando o processo com o espetáculo “Temporário”, onde também produziu a trilha sonora, com estreia no CEU Inácio Monteiro. Foi intérprete-criador e preparador corporal da Crioulos Cia. de Dança de São Paulo (12 meses). Fez uma residência coreográfica com Rui Moreira (2020) no CRD-SP (Centro de Referência da Dança), no qual resultou em uma intervenção/performance de rua com o nome “Movimento Número 1”. Na dança tem se dedicado a estudar algumas vertentes como o Breaking e o Passinho Foda sempre fazendo um diálogo com a Capoeira. Foi Jovem Monitor Cultural no

CDC-SP na edição 2018/2019 e 2020/2021. Formou-se nos Cursos: Técnico em Dança - Etec de Artes, e Sonoplastia na SP Escola de Teatro. Atualmente é intérprete-criador no Coletivo Ara Ijó, cofundador e intérprete-criador no Coletivo Iae, capoeirista no grupo UAC (União Arte e Cultura), e estudante de Educação Física e Saúde na USP EACH.

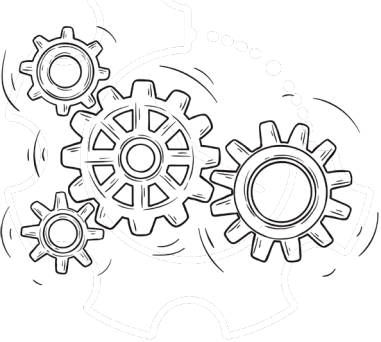
TONY ALOYSIO



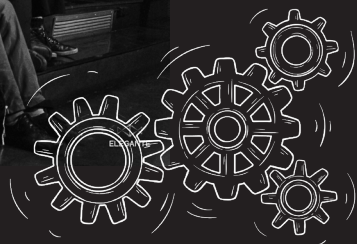
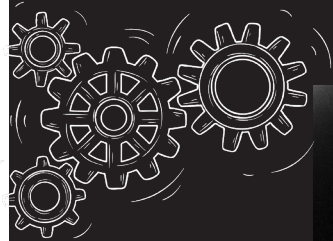
Ator, improvisador e músico. Iniciou seus trabalhos em 2014 estudando teatro, música pelo Programa Vocacional sob orientação de Leonardo Mussi e Gustavo Lemos; e com a criação da companhia de improvisação teatral Nós4 onde o integra até os dias de hoje. Estudou comédia e improvisação na “casa do humor”, tendo como professor grandes nomes como Márcio Ballas, Gustavo Miranda, Allan Benatti, entre outros. É atuante do grupo Baque CT, onde participa como músico percussionista, tocando músicas da cultura popular brasileira e das grandes nações de maracatu; e participou do coral da cidade Tiradentes sob regência de Regina Lucatto onde se apresentou em vários CEU’s e Centros culturais da cidade, além de apresentações no teatro municipal e

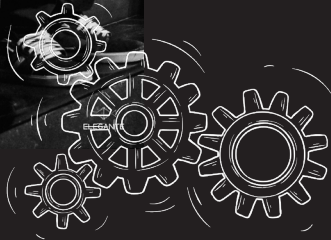
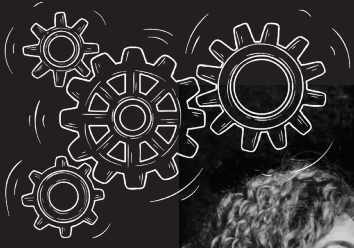
virada cultural de 2016. Se formou em teatro pela instituição Senac Iapa Scipião no ano de 2019 com a trilogia de Federico Garcia Lorca (Bodas de Sangue, Yerma e Casa de Bernarda Alba), interpretando o personagem Victor em Yerma e o Pai em Bodas de Sangue como trabalho de conclusão de curso.

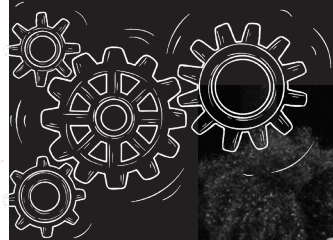
Tony possui uma grande bagagem artística atuando em diversas peças de teatro e grupos de improviso ao lado de grandes nomes da comédia nacional como: Risadaria (o maior festival de humor do mundo) ao lado de Rafael Cortez (Rede Globo), Marcelo di Morais e Márcio Pial. Também foi do elenco do Jam de improviso convidado por Márcio Ballas (É tudo improviso) que dirigia o espetáculo ao lado de Marco Gonçalves (Lady Night no Multishow). Sua última atuação foi na peça “Barrela” de Plínio Marcos interpretando o personagem Bereco sob direção de Valdemir Bellei. Atualmente Tony estuda teoria musical e violão erudito sob orientação do renomado músico contemporâneo Fabio Lima, é integrante do grupo Baque CT e trabalha como produtor do grupo 7 por 7 Stand Up Comedy.

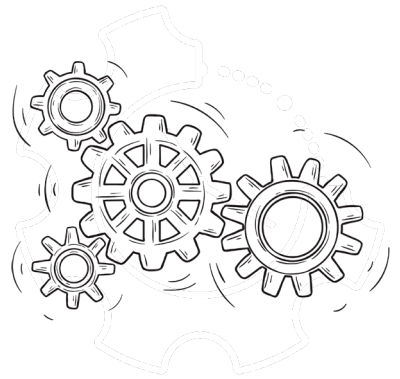
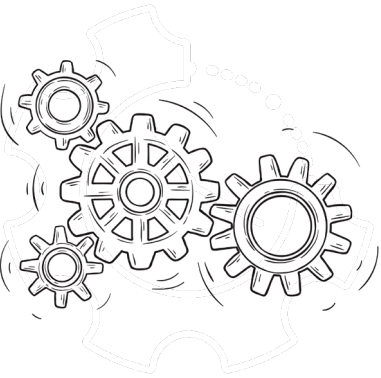


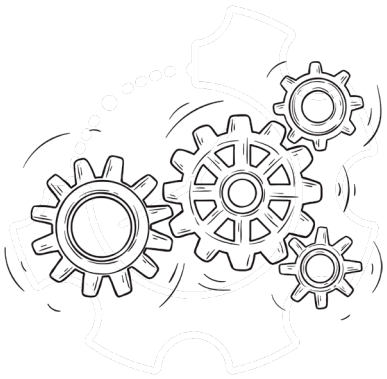
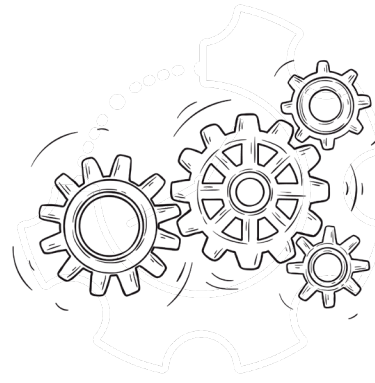
#FOTOS

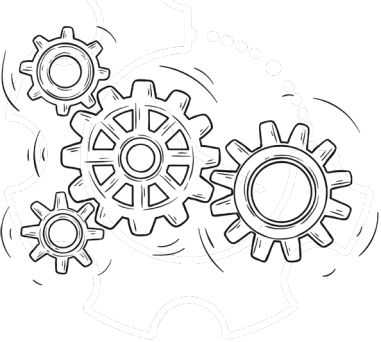


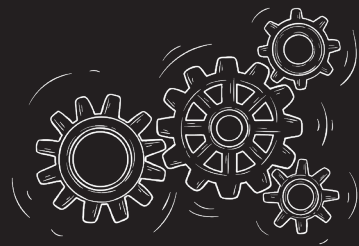
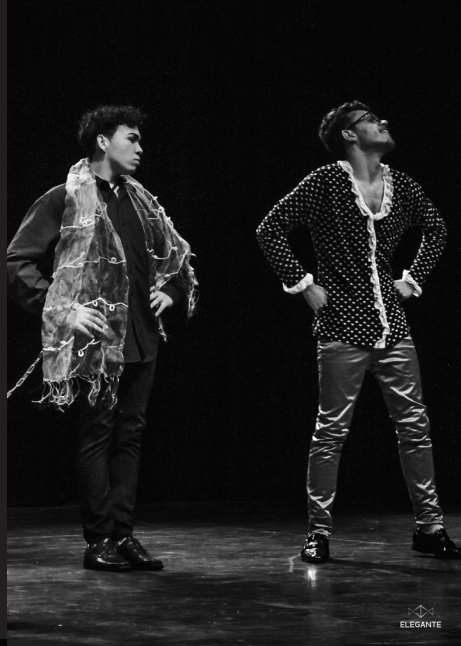
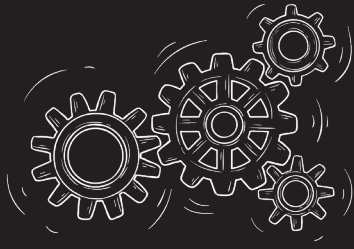


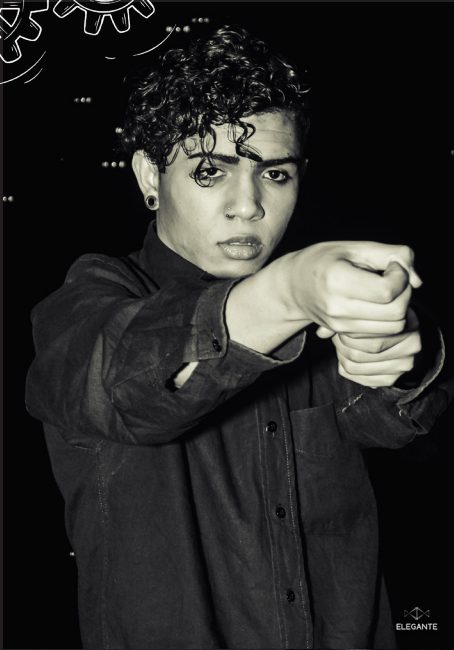
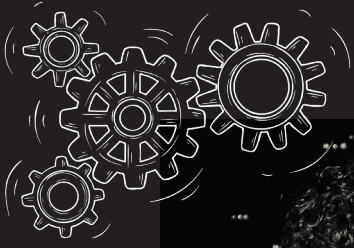








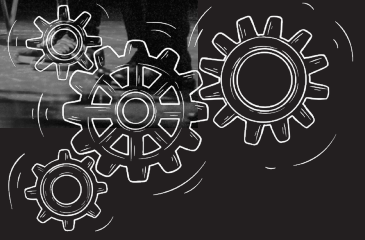


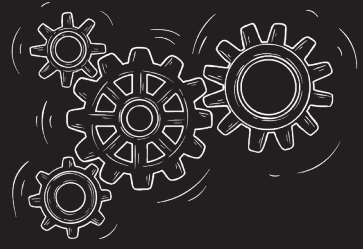


ELEGANTE



ELEGANTE

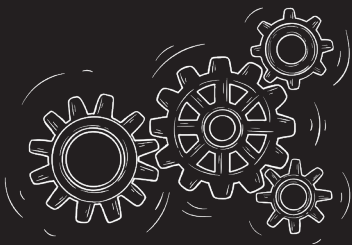


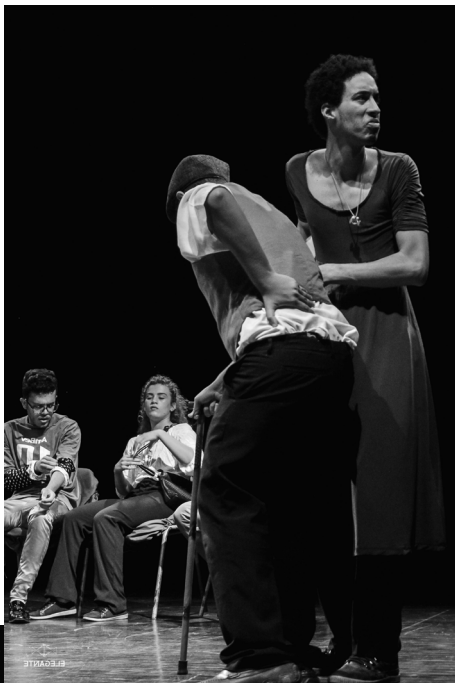
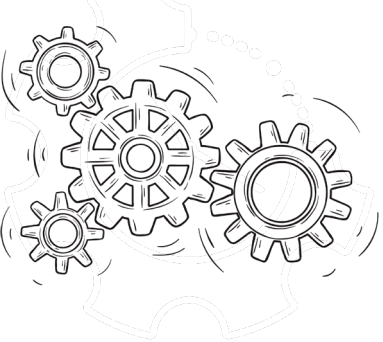


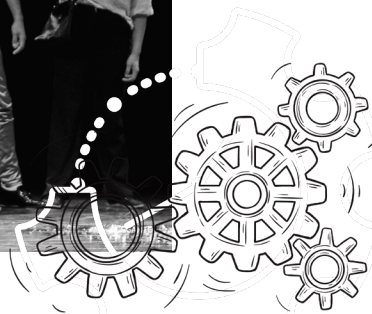
ELEGANTE

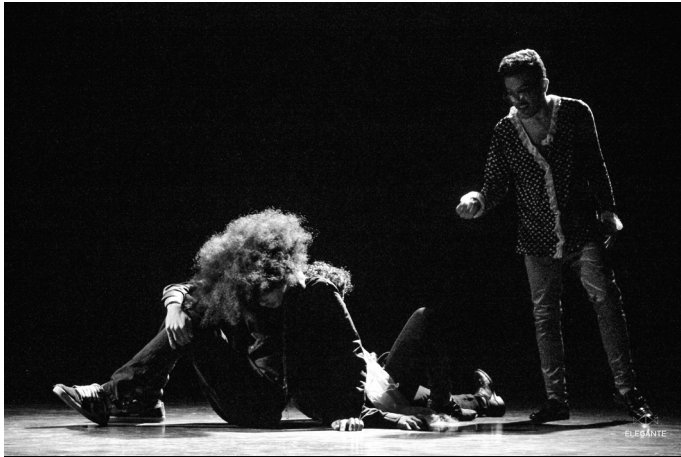


ELEGANTE













**Usina
dos Atos**

EQUIPE INSTITUTO USINA DOS ATOS

DIRETOR-PRESIDENTE

Caio César Teixeira

SECRETÁRIA GERAL

Thainara Oliveira dos Santos

SECRETÁRIA GERAL ADJUNTA

Patrícia Aparecida das Neves

DIRETOR FINANCEIRO

Carlos Alexandre Teixeira

DIRETOR FINANCEIRO ADJUNTO

Wesley Barbosa Silva

CONSELHO CONSULTIVO

Manoela Silva

Geisson Valério da Silva

CONSELHO FISCAL

Célia Regina Teixeira

Paulo Henrique de Souza Reis

Serviço editorial:



acesse:

www.grandirproducoes.com.br